

# O Conhecimento na Era de sua Reprodutibilidade Técnica<sup>1</sup>

*Knowledge in the Age of Mechanical Reproduction*

Leandro Marshall\*

## Resumo

Este ensaio busca contribuir para o debate sobre a emergência de uma cultura essencialmente imaterial no mundo contemporâneo, como consequência direta da Revolução Tecnológica, do advento da Sociedade da Informação e da Comunicação e do processo de hegemonia do Capitalismo Tardio. Desenvolvida ao longo do curso de pós-doutorado em Sociologia, na Universidade de Brasília, a tese, apresentada neste *paper*, defende que as condições materiais de existência determinam os fenômenos imateriais da cultura, num sistema operacional que organiza o processo de toda construção social da realidade. Isto implica dizer, a partir de uma visão dialética e paradoxal do conhecimento, que economia e cultura estão inextricavelmente interligadas: a economia culturaliza a vida e a cultura economiciza a realidade.

Palavras-chave: cultura; revolução tecnológica; sociedade da informação e da comunicação.

## Abstract

*This essay seeks to contribute to the debate about the emergence of a culture essentially immaterial in the contemporary world, as a direct consequence of the Technological Revolution, the advent of the Information Society and Communication and the process of hegemony of Late Capitalism. The thesis, presented in this paper, is that the material conditions of existence determine the intangible cultural phenomena, an operating system that organizes the entire process of social construction of reality. This means, from a dialectical and paradoxical knowledge, economy and culture are inextricably intertwined: the economy 'culturalizes' life and culture 'economicizes' reality.*

*Keyword: culture; technological revolution; society of information and communication.*

---

<sup>1</sup> O título deste ensaio é uma paráfrase ao título do artigo de Walter Benjamin intitulado A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit), publicado na revista francesa do Instituto de Investigação Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*), em 1936, para mostrar que o debate não é novo e que já foi abordado, com propriedade, pela filosofia e pela sociologia.

\* Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), Brasil.

**I**

O conhecimento foi o primeiro insumo utilizado pelo homem ao longo de sua jornada pela vida para, por meio do trabalho, colocar a natureza a seu dispor. Estima-se que há cerca de dois milhões de anos, o saber reuniu, no mesmo ofício, o mundo animal, vegetal e mineral. Era o início da criação do mundo, do homem e de deus.

**II**

Na aurora da civilização, o ser humano associou um princípio (a intenção) como motor (a ação) para a manufatura (a transformação) de um objeto animado ou inanimado (a produção) em uma fonte de circulação e consumo (a consumação) para servir à necessidade de um ser natural (a humanização).

**III**

Eis o momento mágico da evolução. O conhecimento criou o ser humano sem que o homem percebesse sua criação. Ao mesmo tempo, o saber transformou o universo da natureza no universo humano. Este é o verdadeiro significado do pensamento de Darwin. A evolução das espécies se dá, em primeiro lugar, na adaptação da natureza ao interesse do indivíduo e, a seguir, na submissão da natureza ao desejo de todo o grupo. E o estopim deste processo opera sempre pela necessidade biológica do ser de uma nova realidade. Quando a espécie sente, percebe e compreende, de maneira consciente ou inconsciente, esta operação, o processo de evolução já está em plena atividade.

**IV**

Todo processo dialético da civilização está na relação entre o homem e o conhecimento. Não existe ser humano sem o conhecimento. Não pode existir nenhuma civilização, cultura, sociedade, sem que exista o pressuposto do conhecimento. Não é à toa que, a despeito das inúmeras possibilidades, o ser humano escolheu se autodenominar como um *homo sapiens*.

**V**

O conhecimento deixou de ser considerado um acessório ou um aparato da realidade para ser explorado pelo homem para satisfazer o próprio homem. Com a humanização do ser humano pelo trabalho, o conhecimento passou a ser parte da essência humana, a ponto de hoje só podermos falar em conhecimento que seja necessário para o ser humano. Isto vale até mesmo para o conhecimento usado para libertar ou para destruir.

## VI

Sabemos que o conhecimento material e o conhecimento imaterial fazem parte da história desde a aurora da humanidade. Todo saber é sempre um saber epistêmico relativo ao universo concreto ou abstrato da realidade, transformado pela práxis.

## VII

As palavras e a linguagem são conhecimento imaterial. As máquinas são conhecimento material. As ideias e o pensamento são conhecimento imaterial. As lâmpadas e as sirenes são conhecimento material. Os sinais e os códigos são conhecimento imaterial. As armas de fogo são conhecimento material.

## VIII

Não há conhecimento imaterial sem conhecimento material. Não há ação ou obra humana sem conhecimento material e imaterial. As ferramentas de pedra lascada criadas pelo ser humano, no paleolítico, resultaram de um processo indutivo que envolveu experiência, aprendizado e educação. Tão logo os hominídeos descobriram que as ponteiros eram úteis para cortar tubérculos ou leguminosas ou para rasgar a carne dos animais, o conhecimento prático transformou-se em conhecimento instrumental e foi transmitido de indivíduo a indivíduo e de geração a geração. Com o tempo, a experiência mostrou, por associação, que o processo indutivo podia ser simplificado por meio da lógica dedutiva, onde o conhecimento imaterial comanda o pensamento e a ação.

## IX

A história demonstra que o ser humano é sempre a medida daquilo que ele sabe. Isto se repetiu em todas as etapas da civilização e comprova que, apesar da ideia do progresso por acumulação não ser verdadeira no mundo científico (KUHN, 2003), a evolução pelo processo de educação (aprendizado, repetição, memória, partilha, evolução) significa uma consequência natural do próprio sistema biológico da vida. Nada anda para trás na história quando o conhecimento (*logos*) é utilizado com o propósito de harmonizar o ser (*ethos*), o estar (*telos*), o fazer (*poiesis*) e o dizer (*nomos*).

## X

O sentido do homem está em conciliar as suas quatro dimensões: o ser, o estar, o fazer e o dizer (Leloup, 2003). O ser humano está em harmonia à medida que estas quatro esferas aparecem como se fossem uma só. Isto é: o ser faz e diz, em seu estar, aquilo que ele realmente é. Quando as quatro esferas se distanciam, o bem-estar do ser transforma-se em mal-estar. Neste caso, o ser é diferente

daquilo que diz e do que faz. Ele é uma coisa e seu estado geral (o estar) tende para zero. O resultado é que vivendo, em uma e ou em outra situação, o ser sabe ou não sabe do que precisa, o que deseja e o que tem.

## XI

Ao longo do processo de construção social da realidade e do seu próprio processo de construção subjetiva e objetiva (Berger & Luckmann, 1978), o homem inventa o mundo, a vida e a realidade do modo que melhor lhe aprouver, graças ao conhecimento. O saber permite ao homem, inclusive, criar o universo do conhecimento e o universo da ignorância. Só a medida do saber pode demonstrar o quê saber, como saber e porque saber. O conhecimento torna-se um instrumento valioso somente para o homem que sabe para que serve o conhecimento. Esta é, em última instância, a verdadeira quadratura do círculo do saber. De nada adianta ao homem conhecer se ele não sabe a verdadeira razão da vida e das coisas.

## XII

Pelo olhar antropológico, todo conhecimento, geral ou restrito, transforma-se em cultura, material ou imaterial, e determina o comportamento do ser humano. A cultura é, deste modo, sempre a expressão da abstração do comportamento (Beals & Hoijer, 1971) na medida em que a práxis humana materializa, por meio das mãos, a ideia e a intenção do pensamento, individual ou coletivo.

## XIII

O fato é que, seja na forma de cultura, seja na forma de comportamento, o conhecimento material ou imaterial sempre foi a grande jazida de ouro da humanidade, fonte de onde o ser humano extraiu e fabricou a realidade.

## XIV

Neste sentido, o pano de fundo sobre toda e qualquer discussão sobre o conhecimento material ou imaterial, sobre a cultura material ou imaterial, ou sobre o trabalho material ou imaterial, consiste em compreender que o que está em jogo é o fato de que “*saber é poder*” e que quem detém o conhecimento detém o controle e o governo da realidade. Não há outra verdade por detrás de todo o debate sobre a emergência da cultura imaterial no século XXI, já que todo ser humano sabe que todos os períodos da civilização vivenciaram expressões e experiências de produção e consumo de cultura material e imaterial.

## XV

A dança das cadeiras da verdade histórica mostra que a questão central, neste novo cenário histórico, está no fato de que há um novo modo de produção de cultura imaterial e que o controle deste modelo ainda não está definido.

## XVI

Por isso, ao invés de apenas compreender as novas dimensões sociológicas e antropológicas da cultura digital, virtual e horizontal, o debate teórico sobre o novo modo de produção do conhecimento e da cultura desvia-se de seu foco central e mistura, em um caldeirão ideológico, teorias sobre cultura do espetáculo (Debord, 2000), valor do trabalho, virtualização da mercadoria, “descivilização” (Elias, 2000), luta de classes, capitalismo cognitivo (Cocco, 2002, 2003; Lazzarato & Negri, 2001), valor de troca, *branding*, economia digital, fim da história (Fukuyama, 1992) e estetização da realidade.

## XVII

O fato é que o que está em jogo é a redistribuição do poder nas extensões mais concretas, práticas e úteis do conhecimento e da cultura, como o capital, a mercadoria, o lucro e a mais-valia. Disto resulta uma queda de braço entre trabalhadores e capitalistas, trabalhadores e Estado, capitalistas e Estado, trabalhadores e trabalhadores, capitalistas e capitalistas, bem como entre trabalhadores, capitalistas, Estado e Nações.

## XVIII

Nunca é demais lembrar o que Marx escreveu: “a história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, burguês da corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante antagonismo entre si, travaram uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, aberta outras, uma luta que acabou sempre com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta” (Marx & Engels [1848] 1982, p. 81-82).

## XIX

O palco da luta de classes sempre foi a economia e o alvo principal foi o controle dos meios de produção, bem como da necessária reprodução dos modos de produção. Do mais simples sistema de plantio e de colheita ao mais sofisticado aparato tecnológico de produtividade e sobre-trabalho, o duelo esteve sempre diretamente associado ao universo do capital.

**XX**

Veja-se que os primeiros camponeses mantiveram por longo tempo uma economia baseada na subsistência. No máximo, parte da produção era negociada para que as famílias obtivessem insumos necessários à sua reprodução, como o sal, o açúcar e o azeite. Quando estes pioneiros passaram a produzir excedentes, e o estoque era superior às suas necessidades, a produção tornou-se mercadoria, ganhando valor-de-uso e valor-de-troca. Não existia capitalismo, apenas um sistema econômico simples e prosaico. Com o tempo, o trabalho individual ou associado demandou um contingente maior de pessoas, sofisticando a divisão social do trabalho. Além disso, alguns passaram a produzir mais do que os outros e a multiplicar seus ganhos monetários. Surgiram as estruturas de comércio e de serviço, os aparatos e as regras do mercado e da concorrência e um vasto sistema financeiro. Na mesma proporção, a economia ajudou a intensificar e demarcar as classes sociais e as classes econômicas, os mecanismos de trabalho e de sobre-trabalho e as noções de valor e de mais-valia.

**XXI**

O fato em si é que a história defrontou, de maneira crescente, a luta entre o capital e o trabalho, o valor e o preço, o lucro e o salário, o uso e a troca, a produção e o consumo, a mercadoria e a mais-valia. Todas estas peças do grande quebra-cabeça econômico tendem a repetir-se indefinidamente, com sua essência universal, independentemente dos paradigmas econômicos e políticos vigentes.

**XXII**

A ciência econômica passou a estudar e a compreender a estrutura e a lógica das relações de negócio entre indivíduos e empresas, bem como todo o idílico universo das trocas, transformado, com o decorrer da história, numa fabulosa engrenagem monetária e financeira, a ponto de hoje, poder haver comércio sem produção, sem mercadoria e sem dinheiro.

**XXIII**

No início, a economia era assunto dos economistas. Era o patinho feio da filosofia, devido ao seu hermetismo, e acabou sendo restrita a uma subclasse das reflexões epistemológicas. Durante algum tempo, o marxismo ajudou a popularizar a discussão sobre a economia política e as orquestrações de poder e dominação promovidas pelo industrialismo e pelo fetichismo da mercadoria. O ideário marxista, porta-voz dos oprimidos, levou a economia para a dimensão social e fez com que a sociedade conseguisse equalizar e harmonizar, durante algum tempo, as condições materiais de existência e os modos de produção, socializando a produção e a distribuição dos recursos naturais industrializados. O decorrer

desta história é bastante conhecido. Entretanto, um dos efeitos colaterais desta empreitada foi fazer crer que qualquer pessoa pudesse empunhar as bandeiras da igualdade, da liberdade e da fraternidade, e passar a discutir, a seu modo, a perniciosidade das estruturas econômicas da sociedade. Os séculos XIX, XX e XXI produziram pensadores canhestros, autoiluminados pela racionalidade econômica, que passaram a discutir, nem sempre com propriedade, as doutrinas e as lógicas da realidade econômica e social.

#### XXIV

A partir da segunda metade do século XX, sobretudo com a queda do muro de Berlim e com o colapso do comunismo, o debate econômico foi empobrecido e esvaziado. Além disso, as crises financeiras e imobiliárias dos anos de 2000 e 2008, nos Estados Unidos e na Europa, com efeitos sobre o conjunto das nações, colocaram sob suspeita todos os receituários econômicos em vigor.

#### XXV

De um lado, o *laissez faire* e o *laissez passer*<sup>2</sup> foram considerados como culpados pelo espírito tatcherista/reaganista de liberalização do mercado e das relações do capital nos anos 80 do século XX. De outro lado, a culpa foi atribuída ao controle do Estado sobre a economia, exatamente por seus mecanismos de repressão e de coerção à liberdade do mercado.

#### XXVI

Não deveria caber, senão aos economistas, a discussão sobre as transformações nas matrizes produtivas e o estabelecimento de uma nova ordem econômica global, já que, a princípio, parece haver uma concordância com o fato de que há, em andamento, uma reforma radical do mundo do trabalho, uma nova luta de classes, uma nova fórmula para a questão do valor e da mercadoria, assim como um redimensionamento na tipologia e no papel dos consumidores, dos mercadores e dos produtores. A economia clássica, neoclássica ou pós-clássica deveria ser o campo específico desta discussão. Todavia, o que se vê é que o debate se espalhou pelo universo acadêmico da sociologia, da história, dos serviços sociais, da filosofia e, até mesmo, do jornalismo. Nenhum problema neste fato, a não ser o detalhe de que a maioria dos neófitos não sabe sequer os princípios da matemática financeira.

#### XXVII

Esquece-se, além disso, com frequência, que as condições materiais de existência determinaram ao longo de toda a história da civilização os fenômenos

<sup>2</sup> 'Deixar fazer' e 'Deixar passar'.

imateriais da realidade. Este é um dos axiomas mais básicos da humanidade. A base institui a essência e a natureza da superestrutura, num sistema operacional que organiza o processo de toda construção social da realidade. Acima e além de qualquer ideologia, a economia, isto é, o modo como o homem determina seu modo de vida (*o modus vivendi* e *o modus faciendi*), estabelece sua visão de mundo (*weltanschauung*), seus valores, suas ideias e sua relação com as demais estruturas do mundo.

#### **XXVIII**

A beleza da verdade estrutural da vida reside, fundamentalmente, na sua natureza antitética e paradoxal. A economia culturaliza a vida e a cultura economiciza a realidade. É como se a cultura e a economia fossem os dois lados de uma única verdade. A matriz econômica arquiteta o universo mágico da superestrutura, assim como, do mesmo modo, a cultura estrutura a arena operacional da economia, sintetizando, *in loco*, a ordem e a lógica da sociedade. A cultura econômica determina assim as condições de possibilidade do que o homem pode ser, sentir, viver, criar, pensar e fazer, estabelecendo a obra da criação e da recriação do universo, já que as cosmologias ou as cosmogonias estão imbricadas na atividade imaginária, instituída e instituinte, da mente humana, a partir daquilo que, obviamente, a economia da natureza permite fabular.

#### **XXIX**

Em síntese: a economia é o leito da cultura e a cultura é a fonte de onde o homem cria e constrói o universo da vida.

#### **XXX**

O pecado nº 1 daqueles que buscam investigar e entender com seriedade, profundidade e organicidade a natureza dos fenômenos econômicos e sua relação com as esferas sociais e culturais da sociedade humana repousa na incapacidade de considerar a natureza dialética da vida e da realidade.

#### **XXXI**

A dialética mostra que a verdade é sempre (a) causa e efeito; (b) essência e aparência; (c) sentido e não-sentido; (d) ordem e caos; (e) signo e ideia; (f) dito e não-dito; (g) tese e antítese; (h) vida e morte.

#### **XXXII**

A dialética ensina ao homem que a verdade está sempre na pluralidade e na ambivalência. Nada pode ser tão absoluto que descarte o relativo, tão objetivo que descarte o subjetivo ou tão universal que descarte o singular. A verdade nunca



pode matar a possibilidade da dúvida, pelo simples fato de que a dúvida faz parte da própria verdade. Sem a verdade e a dúvida não haveria sentido, sagrado ou profano, do sentido e da falta de sentido. Milan Kundera nos ensinou, em *A Insustentável Leveza do Ser* (1985), que, na dialética da luz e da escuridão, “a visão encontra-se limitada por duas fronteiras: uma luz de tal modo intensa que nos cega e uma obscuridade total. Talvez seja daí que vem a repugnância por todos os extremismos. Os extremos marcam a fronteira para lá da qual não há vida, e, tanto em arte como em política, a paixão do extremismo é um desejo de morte disfarçado” (Kundera, 1985, p. 55).

### XXXIII

Ninguém pode acreditar, sem promover uma reflexão crítica, na ideia de que a passagem da indústria cultural (ou da cultura tecnológica) para uma cultura hiper-real, global, sensorial, ultra-interativa e polivalente (com um intenso caráter tecno-crazy) tenha um único sentido e uma única valência. É claro que todo fenômeno social-cultural-econômico-e-tecnológico tem um impacto múltiplo-difuso-ambíguo-e-perturbador sobre a sociedade. Ele sempre traz seus benefícios e sempre provoca malefícios.

### XXXIV

Afinal, seria muita ingenuidade acreditar que a transformação da economia material, baseada na produção de bens e mercadorias, para uma economia simbólica, baseada essencialmente na criação e na circulação de signos, represente o nascimento de uma nova época e o desaparecimento de todos os sistemas e estruturas do sistema econômico e cultural produtivista. Nossa era é, sem dúvida, a da Revolução Tecnológica, da Sociedade da Informação e da Comunicação, da Economia Digital e do Capitalismo Tardio. Entretanto, as três ondas de transformação do mundo (Agricultura, Indústria e Tecnologia) (Toffler, 1980) representaram sim uma mudança nos modos de produção e transformação dos recursos naturais, mas não excluíram ou prescindiram do patrimônio acumulado. Ao contrário. A onda que atinge o maior número de pessoas no mundo hoje continua sendo a Agricultura. A onda que determina as relações sociais e profissionais, a lógica do trabalho e as matrizes institucionais e operacionais do mundo é o industrialismo. A terceira onda, a da Revolução Tecnológica, introduziu novas formas de o homem ser, viver, conhecer, relacionar, comunicar e perceber o mundo que nos rodeia. Apesar disto, nenhuma das três ondas excluiu as demais, nem as desconstruiu. Todas se uniram para criar uma nova lógica e uma nova forma para o ser humano, para a sociedade, para a cultura, para a economia e para a civilização.

**XXXV**

O dever de casa da verdadeira ciência é proceder ao interrogatório dialético de todo novo fenômeno histórico. Além disso, o método deve buscar desvelar as artimanhas, espremer as trapaças, destrinchar a essência e a aparência, além de depurar as ideias, as intenções, os interesses e as ideologias, de toda nova evidência material ou imaterial.

**XXXVI**

Uma nova matriz cultural associa, em sua essência, uma nova matriz econômica e uma nova matriz social. Ao mesmo tempo, sabemos que a cultura, a economia e a sociabilidade constituem, endogenamente, a estrutura da própria natureza humana. Logo, toda transformação das instituições ou dos aparatos sociais, culturais e econômicos é sempre, na mesma medida, a transformação do próprio homem. Neste sentido, o modo como o ser humano processa as reestruturações históricas demarca a natureza da nova ordem social.

**XXXVII**

Devemos lembrar a lição aristotélica de que todo fenômeno é marcado por sua *causa materialis*, sua *causa formalis*, sua *causa finalis* e sua *causa efficiens*. Assim, por mais que saibamos qual a substância, a estética e as intenções de um dado elemento ativo da realidade, conheceremos o seu efeito social apenas na medida de sua efetividade.

**XXXVIII**

Marx notou que a atividade produtiva está plenamente submetida à lógica aristotélica das quatro causas exatamente em sua explanação sobre o fetichismo da mercadoria. Na visão do filósofo alemão, “é evidente que a atividade do homem transforma as matérias que a natureza fornece de modo a torná-las úteis. Por exemplo, a forma da madeira é alterada, ao fazer-se dela uma mesa. Contudo, a mesa continua a ser madeira, uma coisa vulgar, material. Mas a partir do momento em que surge como mercadoria, as coisas mudam completamente de figura: transforma-se numa coisa a um tempo palpável e impalpável. Não se limita a ter os pés no chão; face a todas as outras mercadorias, apresenta-se, por assim dizer, de cabeça para baixo, e da sua cabeça de madeira saem caprichos mais fantásticos do que se ela começasse a dançar” (Marx, [1870] 1982, p. 76).

**XXXIX**

Não podemos esquecer, entretanto, uma segunda lição de Aristóteles. Todo ato já existe em potência. Toda realidade está presente, embrionariamente, na virtualidade. O ser já está presente no seu próprio vir-a-ser, seja como intenção, como

semente ou como fruto. O *virtus* é sempre aquilo que será, criando ou desfazendo a realidade imaginal ou criando ou desfazendo a realidade real.

**XXXX**

Não bastasse a verdade sobre a essência dialética da ambiguidade, a questão é que a potência já é, ela própria, um ato e que a dimensão virtual pode vir a ser, ela também, o grito final da realidade.

**XXXXI**

O caldeirão objetivo-e-subjetivo da vida ensina ainda que a dialética da realidade e da verdade está sempre no ser e no acontecimento (Foucault), no ser e nas suas circunstâncias (Ortega y Gasset) e no ser e na História (Hegel).

**XXXXII**

Anjos e demônios construíram o que veio a se tornar a economia cultural da humanidade. Ela abençoou aqueles que souberam usá-la como o enxoval elementar da felicidade e amaldiçoou todos os que acreditaram que o conhecimento e a cultura são a panaceia para todos os males.

**XXXXIII**

A história mostra que a cultura já teve muitas faces e muitas verdades. Nenhuma delas endeusou a humanidade, nem ajudou a destruí-la.

**XXXXIV**

Uma forte teoria descreve as inscrições rupestres como a primeira manifestação cultural dos seres humanos. Isto teria acontecido há mais ou menos trinta mil anos, sobretudo, em cavernas localizadas na França. Mesmo que muitos teóricos digam que os cândidos desenhos tinham a intenção de serem planos ou esquemas táticos para a caçada, os idealistas e românticos vêem nelas a expressão inaugural da cultura humana. O fato mais significativo é que, seja qual fosse a intenção dos rabiscos, há, sem dúvida, um projeto econômico por detrás daquelas formas de abstração. Quem desenhou aqueles mamutes, demonstrou, com convicção, um primitivo sentimento de necessidade (economia) e de satisfação (cultura).

**XXXXV**

Uma outra teoria aponta os colares feitos de conchas pelos membros das tribos Kung!, na África, como as primeiras manifestações culturais da sociedade humana (Klein; Blake, 2005). Esta prática teria acontecido ao redor de 40 a 50 mil anos atrás. Muitas toneladas destes colares e destas conchas foram encontradas em várias

camadas geológicas, o que fez os pesquisadores pensarem, em primeiro lugar, como os índios arranjavam tempo para produzir estes colares (já que a necessidade primária era a alimentação) e, em segundo lugar, qual a utilidade destes colares naquele mundo tão sem razão, sem beleza e sem finalidade. A explicação era de que os Kung! davam os colares a tribos amigas como sistema de seguro social. Os índios demonstravam, aos seus amigos, a sua amizade, o seu companheirismo e a sua pronta disponibilidade e, com isso, estabeleciam uma lógica de reciprocidade. Eles garantiam a segurança dos amigos e estes garantiam a segurança deles. Fundiam, astutamente, naquela prosaica atividade, o interesse social, cultural e econômico.

#### **XXXXVI**

Uma terceira linha de antropologia vê nas pinturas corporais e nas formas de tatuagens primitivas as primeiras vertentes de expressão cultural da humanidade. Elas tinham inúmeras intenções: embelezar o corpo (arte), preparar o casal para o enlace (tradição), honrar o parente ou o amigo morto (religião), sinalizar ao inimigo a intenção da guerra (política), designar a divisão social dos papéis (economia) e servir como instrumento lúdico para animar e alegrar a tribo nas datas festivas (cultura). O certo é que as pinturas e as tatuagens falavam pelo corpo o que a alma dos silvícolas queria expressar.

#### **XXXXVII**

Um passo adiante na história mostra que a Antiguidade Clássica, grega e romana, revelou ao mundo seu esplendor por meio de cerâmicas, de estátuas, de obras arquitetônicas e de poemas ou textos literários, como os de Suetônio (Grécia) e Marcial (Itália). O berço da civilização associou, de forma majestosa, toda a graça da cultura imaterial e toda a imponência da cultura material, revelando tanto os traços culturais quanto as estruturas econômicas da época. Sabemos hoje nossas raízes e nossa origem graças às vozes das vasilhas, dos jarros, das paredes e das cúpulas celestiais encontrados em Pompéia, Atenas, Roma ou Tróia.

#### **XXXXVIII**

O forte poder da cultura e da economia começou a se manifestar ainda na fase embrionária da civilização. Ela aparece de forma consistente na Mesopotâmia, na Babilônia e no Egito, bem como no mundo Maia e Asteca, como manifestação material da engenhosidade humana, e como obra imaterial, como expressão imaterial inigualável dos sentimentos e das emoções dos patriarcas da civilização. A cultura foi, sem dúvida, uma ferramenta poderosa no cisma entre o mundo natural e o mundo civilizado. Ela demarcou, para sempre, a transformação do homínídeo selvagem em um ser humanizado.

#### **XXXXIX**

Durante mais de um milênio, a religião foi o megafone de Deus para dizer aos homens que eles não tinham nada para falar, apenas para ouvir e obedecer. Durante este longo inverno da civilização, a cultura imaterial hibernou. Ela ficou restrita às abóbodas e às paredes das catedrais, além de alguns afrescos e incunábulo divinos. Neste período, a cultura material serviu de objeto de harmonização entre o homem e o todo-poderoso.

#### **L**

O Iluminismo libertou o homem e a cultura, permitindo, sobretudo, a explosão e o êxtase dos signos, dos símbolos e do imaginário social. O ser humano usou a pintura, a escultura, a poesia, a arquitetura, a literatura, a filosofia, e um infinito mundo de formas e cores para experimentar seus poderes e possibilidades e para, assim, poder saborear sua própria imagem.

#### **LI**

A partir do Iluminismo, o homem apagou a realidade e acendeu sua vaidade. Por um lado, o mundo se transformou em pura cultura. Por outro, virou um imenso varal de mercadorias.

#### **LII**

Um dos fatores primordiais na transformação da natureza do conhecimento e da cultura foi a associação da técnica com a razão, a partir dos séculos XVI e XVII. A *tékne* e o *logos* combinaram, numa mesma ferramenta o princípio moderno da tecnologia e, com ela, a concepção de sujeição da natureza, de empoderamento do ser humano e da utopia na cristalização, no universo mundano, do melhor dos mundos. O potencial de autonomia da tecnologia sobre a sociedade humana foi assombrada por mitos como Hal, de *2001: Uma Odisséia no Espaço*, Alpha 60, de *Alphaville*, Tomakin, de *Brave New World*, Big Brother, de *1984*, e Roy, de *Blade Runner*.

#### **LIII**

O desenvolvimento da tecnologia pelo ser humano materializou o mito de Prometeu. Ao combinar o conhecimento e a máquina numa mesma dimensão, o homem assumiu o trono da realidade e passou, antropocentricamente, a produzir e a reproduzir a obra da criação. Ele acreditou que poderia colocar a natureza e a realidade a seus pés e a edificar o mundo perfeito.

#### **LIV**

No início do século XX, Walter Benjamin criticou o sentido da arte moderna por ter perdido sua essência natural (Benjamin, [1936] 1985). Para ele, a verdadeira arte

deveria possuir o que ele intitulou de “aura”, sem a qual toda e qualquer obra não passaria de farsa e engodo. A aura deveria ter a marca da autenticidade, isto é, ser a expressão exclusiva do artista; possuir a chama da originalidade, ou seja, ser uma produção única e inédita; e conter o mistério cabalístico do *hic et nunc*, qual seja, o de ser a expressão do espírito do tempo, selando, para sempre, as marcas de um determinado período histórico. Toda produção que não contivesse “aura” era, para Benjamin e seus contemporâneos do pensamento crítico, apenas lixo.

#### IV

Theodor Adorno anunciou, ao longo do século XX, a tragédia da Indústria Cultural (Adorno & Horkheimer, [1947], 1985)<sup>3</sup>. Max Horkheimer denunciou a rendição da racionalidade crítica à racionalidade instrumental. E Guy Debord (1967) avisou: nada mais era real. A cultura, o saber, a razão, tudo haviam se desmanchado no ar. Até a revolução e os revolucionários haviam sido cooptados pelo sistema universal de dissuasão. Nada mais valia a pena. Tudo estava condenado a uma inércia eterna e total.

#### LVI

Em *A Sociedade do Espetáculo* (1967), Debord dizia que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação” (Debord, [1967] 2000, p. 15).

#### LVII

Feuerbach, no prefácio à 2ª edição de *A Essência do Cristianismo*, também denunciava: “esta época que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a fantasia à realidade, a aparência à essência [de tal modo que esta é vivemos uma total] “transformação”, exatamente por ser uma [uma época de] desilusão, uma destruição absoluta, uma pérfida profanação [...]”. (Feuerbach, [1841] 1988, p. 25).

#### LVIII

Numa ruptura com a dicotomia marxista, arnoldiana e levisiana entre cultura superior e cultura popular, os Estudos Culturais de tradição inglesa passaram a considerar cultura como todas as manifestações realizadas em torno de práticas

<sup>3</sup> “A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo-poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos. Quanto maior é a certeza de que se poderia viver sem toda essa indústria cultural, maior a saturação e a apatia que ela não pode deixar de produzir entre os consumidores” (Adorno & Horkheimer, ([1947] 1985, p. 151).

culturais. Isso significava dizer que cultura, enfim, expressaria todos os acontecimentos materiais ou imateriais, com o fito de produzir um sentido social, desenvolvidos dentro das ações ou das interações humanas. Nesta concepção, a cultura era comum, ordinária, sem qualquer sentido axiológico ou ideológico.

### LIX

Os ventos culturais passaram a lançar um olhar indistinto às expressões artísticas, intelectuais, midiáticas, folclóricas, *underground*, alternativas, estéticas etc. Vale dizer que todas as formas de histórias literárias, como James Joyce, Henry Williams, Tio Patinhas, Mickey Mouse ou Agatha Christie, tornaram-se manifestações culturais, independentemente do seu conteúdo ou de seu caráter de transformação ou de emancipação intelectual.

### LX

O debate entre a Indústria Cultural e a Cultura Industrial foi sobrepujado na virada do milênio pela emergência da Cultura Global, marcadamente digital, virtual, universal e hiper-real. O novo leviatã do mundo pós-moderno, a tecnologia, rompeu o estigma entre a cultura erudita e a cultura da miséria por uma nova e revolucionária forma de cultura transcultural, que mistura estética, hedonismo, proximidade, presenteísmo, anomia, espetáculo, funcionalidade, hiper-realidade e hipertrofia tecnológica.

### LXI

Em síntese, a cultura global, ativada pelo Capitalismo Cognitivo, apresenta, ao menos, cinco novas características básicas: (1) o Ser Humano 2.0; (2) o Homem-Mídia; (3) a Sociedade-Multidão; (4) a Tecnologia do Eu; (5) a Cultura do Capital.

### LXII

(1) O Ser Humano 2.0:

O ser humano conquista definitivamente, no século XXI, acesso ao conhecimento e aos canais de comunicação, horizontalizados pelos suportes digitais e interativos. O cidadão tem mais opções de cultura, de educação e de entretenimento, além da possibilidade de usar a tecnologia como trampolim para a ascensão econômica, para inserção no mundo da cultura e para a mobilidade social, com aumento do trânsito entre as classes sociais.

Entretanto, diante da explosão de informações e de canais de comunicação, há o arrefecimento da capacidade crítica e cognitiva dos cidadãos, a pauperização dos produtos culturais, e o nivelamento, por baixo, da criatividade e da inventividade.

Além disso, a tecnologia favorece a atomização individual e a formação de ilhas cognitivas e culturais. Os indivíduos estão hiper-tecnologizados, mas asilados em seus casulos pessoais. Graças à tecnologia, os seres humanos monologam muito e dialogam pouco.

No final, o Ser Humano 2.0 descobre na tecnologia um meio para satisfazer necessidades e anseios subjetivos, embora, ao mesmo tempo, crie necessidades e anseios subjetivos sempre novos e sempre inalcançáveis. O ser humano tecnologicado transforma-se assim no objeto de consumo de sua própria subjetividade.

### **LXIII**

#### (2) o Homem-Mídia:

O acelerado desenvolvimento tecnológico incentiva, cada vez mais, a concentração de todos os suportes midiáticos em uma mesma plataforma comunicacional. É o advento da mídia digital individual, que possibilita ao homem ter acesso irrestrito a um universo gigantesco de ferramentas, tornando-se, ao mesmo tempo, produtor e consumidor de informações.

Esta mídia individual cria o homem-mídia, um ser que está plugado 24 horas por dia no universo áudio-vídeo-textual da sociedade da comunicação e que usa esta mídia individual para se relacionar com o mundo.

A sociabilidade passa da esfera imediata para a dimensão mediata da tecnologia. O ato da sociabilidade é, a partir de agora, um ato de comunicação midiática individual. De certo modo, em alguns contextos, a vida passa a ser uma vida midiática individual.

### **LXIV**

#### (3) a Sociedade-Multidão:

O ser humano é a obra-prima da sociedade. Ele nasce, vive e morre dentro do processo de construção social da subjetividade, pois é a estrutura social que molda os tijolos morais, religiosos, ideológicos, culturais, estéticos e psicológicos de todos os indivíduos.

Diz-se assim que cada indivíduo é sempre uma obra coletiva, posto que, apesar de ser individual, ele é formado por enxame de elétrons disparados pelo contexto social. Nesta dinâmica, não existe indivíduo totalmente isolado da sociedade, nem um ser que seja integralmente dependente do contato com seus semelhantes.

A questão, entretanto, é que a hipertrofia tecnológica desenvolveu, ao mesmo tempo, a possibilidade do ser estar permanentemente conectado com os demais indivíduos, numa imensa zona de conforto comunicacional, e sentir, na mesma medida, uma ojeriza ao contato e ao convívio direto com a multidão.



O Ser Humano 2.0 conhece e se relaciona com o mundo por meio da tecnologia, o que faz com ele tenha cada vez mais aversão e um sentimento sociofóbico dentro da multidão.

## LXV

### (4) A Tecnologia do Eu:

O ser humano torna-se o centro transcendental do mundo da comunicação. Ele é o pai, o filho e o espírito santo do panteão celestial da tecnologia. Não porque a tecnologia o transformou no seu grande sentido ou na sua estrela guia. O homem usa as ferramentas digitais, virtuais e interativas do ciberespaço para recriar, a seu modo, sua própria natureza subjetiva.

O mínimo eu, acossado pelas pressões subjetivas e cognitivas da sociedade, transforma-se no máximo eu, por meio do escudo simbólico e do espelho mágico, institucionalizados pela internet.

Agora, o homem que procura algo no mundo digital e virtual procura a si mesmo. Ele usa as mídias digitais e as mídias sociais para encontrar a si mesmo e para consumir a sua própria subjetividade.

O homem usa assim a tecnologia para criar seu próprio avatar e, por meio desta invenção virtual, relacionar-se com ele próprio e com o mundo a partir da ideia e da imagem que ele faz de si próprio.

A internet, sobretudo, permite ao ser humano criar uma personalidade biônica [pura, bela e perfeita], que assume, para sempre, a natureza imperfeita do sujeito criado pela biologia.

## LXVI

### (5) A Cultura do Capital:

O sistema capitalista constitui o modelo econômico hegemônico no planeta neste século XXI. Ele é uma decorrência da evolução histórica das relações de produção e de consumo entre indivíduos e empresas, mas não há dúvida de que todo seu aparato e as suas lógicas internas somente foram mantidos de pé graças à adesão dos indivíduos a uma espécie de cultura do capital.

Isto significa dizer que toda e qualquer instituição política, econômica ou cultural só conquista as graças da sociedade por que o povo encontra razões objetivas e subjetivas para aceitá-la e adotá-la.

Todos os registros históricos de experiências econômicas fracassadas mostram que a razão do malogro esteve justamente na incompatibilidade entre a proposta e a vontade popular. Este é o sentido do próprio capitalismo.

Não há dúvida que o sistema do capital já deu inúmeros sinais de esgotamento ao longo do século XX e no início do século XXI. Sua derrocada não foi

apoteótica graças, em primeiro lugar, ao socorro feito pelos estados-nações, mas, sobretudo, pela adesão maciça e inconsciente da sociedade à cultura do capital.

A cultura do capital não só atende aos anseios e às expectativas cognitivas dos cidadãos, com suas drágeas de liberdade e oportunidade, mas preenche os interesses de conforto subjetivo e de comodidade objetiva, proporcionados pelas delícias da sociedade de consumo.

### Referências

- ADORNO, Theodor. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. 2. ed. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 (1947).
- BEALS, Ralph & HOIJER, Harry. *An Introduction to Anthropology*. New York: Macmillan Company, 1971 (1953).
- BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*. (Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit). Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Zouk, 1985 (1936).
- BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 4. ed. Tradução de Floriano Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1978 (1966).
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000 (1967).
- FEURBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Campinas: Papyrus, 1988 (1941).
- KLEIN, Richard & EDGAR, Blake. *O Despertar da Cultura: A Polêmica Teoria Sobre a Origem da Criatividade Humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 (1962).
- KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. Tradução de Joana Varela. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.
- LELOUP, Jean-Yves. *Introdução aos verdadeiros filósofos: Os Padres Gregos: um continente esquecido do pensamento ocidental*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Novos Rumos, 1982 (1848).
- MARX, Karl. *O Capital*. Volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (1867).
- TOFLER, Alvin. *A Terceira Onda*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

Recebido em maio de 2013

Aprovado em julho de 2013